N. 6. Domingo 8 de maio. 1853.

O MOSQUITO.

PERIODICO POETICO E LITTERARIO DEDICADO AS JOVENS FLUMINENSES.

Publica-se aos domingos. Assigna-se á 1$000 rs. por trimestre em casa dos Snrs. Paula Brito, Praça da Constituição n. 64, e Morando, rua do Ouvidor n. 158, onde se vendem á 80 rs. avulsos.

ALBUM DA NOITE.

Offerecido á Illm.ª Snrª. * * pelo Redactor.

CAP. 2.º

(Continuação do n. antecedente).

A' fresca sombra deste arbusto respiremos as auras que brandamente soprando, descancam barboleteando nesta ou naquella flôr! O sol entre as floridas ramas dardeja seus raios, que melancolicos reflectem sob a grama verdejante! Plumosos cantores mergulham-se no pequeno lago trinando! Os rebanhos a beira do regato, que placido borburinha, bebem largamente, emquanto o pastor recostado ao cólo de Galatéa, dorme a somno solto, embriagado pelos melodiosos acordos das doces canções com que sua companheira o emballava! Aquellas flôres, que ainda a pouco repletas de viço e fragrancia na flexivel hastea debruçadas aos zephyros namoravam, embalsamando os prados, ora emurchecidas illibadas se desfolham! Ligeiro batel uphano fende as vagas, e á sombra de suas plenas vélas o nauta relê e beija as juras de sua amante! O africano escravo abandonando o trabalho lança um olhar pela amplidão dos mares serenos, e suspira! O dorido écho de sua exclamação revella os soffrimentos do captivo.

É meio dia!

A sensibilidade, Carlina, esta consequencia

FOLHETIM.

ADELAIDE OU A FLOR DOS PENSAMENTOS DE UM JOVEN.

Novella pelo redactor, escripta na Campanha Argentina

CAPITULO 5.

(Continuação do n. antecedente).

Adelaide entrou na sala cabisbaixa, e melancolica, e saudou desdenhosa ao Snr. Sampaio.

—Julgando-me, senhora, em extremo ditoso por ser escolhido para vosso consorte, quiz consultar vosso coração antes de possuil-o!

—Attendei-me, senhor, se tendes um coração generoso, se vossas faces são tingidas no rubor que caracterisa o homem probo, se presaes o vosso merito, esquecei-vos de mim! Meu coração em vós jámais descobriu um destes dons particulares, què o podiam inspirar! Meu pae sem ao menos me consultar dispôz de meu coração que lhe não pertencia, por que o coração é parte da alma! Illudiu-vos! quiz dispôr de meu pensamento, que d'alma nasceu, a alma é obra divina e sobre ella jus elle não tem! Eu adoro a outrem que me soube inspirar amor á vida e amor á si! Jámais de mim conseguireis um sorrir, uma palavra doce, porque tudo isto só elle, só meu amante do coração m'as arranca! E de que vos servirá fruir um corpo que vos atraiçoará nos momentos de vossa maior ventura! Fruirás a belleza desse corpo, a belleza um dom material, mas minha alma virgem, mesmo sendo o corpo vosso á elle pertencerá! Sim, minha alma virgem porque alma é parte distincta do corpo, este póde ser violado, e ella só Deos e elle sob ella imperam! Vossa consorte, nunca, a violencia desprézo, supporto os martyrios porque tudo é inferior á dôr que eu sentiria em atraiçoar-vos sendo vossa esposa, porque jámais vos poderei amar

—É possivel, senhora, que dê credito á vossas palavras? Oh! fui illudido! Meu ouro e meus affazeres, tudo esqueci para consagrar-vos minha vida, e tão doce esperança de minha alma é mister banir! Desprezado! Eu que comecei á comprehender a ventura quando vos vi, que trocaria meu ser pelo nada para receber de vós uma palavra de amor! Infeliz Gaspar! O tormento que supporto, sobre ti cahirá! E ser desprezado por outrem! Bem, senhora! Eu vingar-me-hei de vossos desdens! Sabei de

da alma, donde originam todos os gozos e dissabores que fruimos e tragamos, é uma faculdade de subida importancia! E que seria o mortal insensivel? Um automato.

Da sensibilidade origina o amor.

O amor da patria, este sentimento que caracterisa ao bom cidadão, é um dos mais sublimes fructos da sensibilidade! O homem insensivel desconhece a liberdade, o maior dom do céo! Pelo amor da patria esquece e homem seus deveres de filho, de consorte, de pae, de amigo, de amante, e alfim de christão, porque o homem não póde vêr sua patria gemer sem que perceba estallarem-se as fibras de sua existencia moral! Quantas vezes pelo amor da patria, embebidas deixamos em agros tormentos inditosas donzellas maldizendo lacrimosas a phantasia de seus sonhos! Quantas vezes deixamos moribunda em um leito de martyrios nossas mães, e vamos baratear a vida, olvidados que apunhalamos seus maternos corações impiedosamente, quando a deixamos presa da dôr e da mais pungente saudade! Quantas vezes deixando profundada em amargo pranto uma terna esposa, entre phalanges sanguinolentas, vamos cahir repassados de golpes, sem termos uma só vez beijado o filhinho recem-nascido, primeiro fructo de nosso amor! E muitas vezes acontecido tem pelejarmos contra nossos companheiros de infancia, nossos amigos, as mais caras affeições de nossa alma! E pelejando descarregamos o golpe de morte sobre nossos patricios, homens como nós, como se foramos selvagens sem religião! Não disse bem porque os mesmos selvagens nas horas angustiadas de seu viver invocam á seu Deos; cégos, nestes momentos d combate, nós homens, obras predilectas do creador, nos assemelhamos as mais indomitas féras!

Já vês, Carlina, que o amor da patria domina meus anhelos; e tendo ella me imposto um sacrificio maior que o de minha vida, o de deixarte sem de teus labios ouvir— um ente amo— me era forçoso obedecer! E eu parti.

Divagando nos campos ora sorria-me, ora chorava!

Nestas noites de trevas, em que a natureza se apresenta revestida de luctuosas galas, em que os astros offuscam seus fulgores na escuridão das nuvens, em que o horisonte de negrido não é bordado de uma estrella, me recostava a fralda de uma collina e meditava! Nestes momentos, Carlina, eu ressentia em mim uma força divina; encarava com placidez os combates, contemplava com moderação a furia das vagas encrespadas, e impavido testemunhava os bellicos precipicios! Ora modulava canções de amor, ora ensaiava canticos tristonhos!

Uma rola uma noite merencoria ouvi arrulhar, e sorri-me de seus gemidos! O riso nem sempre exprime o prazer! Ha sorrisos de uma expressão tão medonha, que não ouso sondalos!

O sorriso do ciume!

(Continuar-se-ha).

---

tudo! O nosso consorcio está annunciado, todos os quesitos exigidos pela igreja, foram celebrados e amanhãa sereis minha mulher! Concebei o jus que sobre vós tal nome me outorga! Rir-te-heis ainda que forçada! e se presardes vosso credito direis ao mundo, estou contente?— Homem vil! Jámais realisar-se-hão teus negros intentos! Foge, miseravel, que és o mais ignobil dos entes animados! Honra não conheces, merito não tens! Julgas que te farás amar á força? Ha pouco commovi-me com tuas palavras, e agora desprézo tuas expressões! Se meus labios fossem forçados á abrirem-se, seria tão sómente para declarar á todos tua infamia! Viver contente! Oh! antes mendigando de porta em porta, antes todos os trances amargurosos da vida, que ceder meu corpo puro e illibado, a um tal bruto! Corre o artista com teu ouro; encommenda-lhe um anjo, uma mulher em extremo bella, construida a teu gosto! Frue seus encantos, que serás mais ditoso! Adelaide, sem alma, renegar-te-ha á todos os momentos, e esta estatua resignada soffrer-te-ha em silencio. As estatuas se compram, mas a alma da mulher, seu amor, suas affeições, só outra alma que lhe inspire, só amor, só affeições pódem vencer! Vossa esposa, nunca! Direi sempre, mesmo ao templo arrojada, e ou forçada!

Adelaide pouco á pouco se ia exaltando, e Gaspar, ouvindo-a, correu a sala, onde ficou immovel com a resposta de sua filha.

— Vêde, senhor, (disse o Snr. Sampaio á Gaspar) a resposta que obtenho de vossa filha! Zombastes de mim! Apontastes-me a ventura por um caminho de dôres? Fizeste-me comprehender felicidade, para depois me arrojardes ao tormento. Decidi, ou vossa filha, ou uma satisfação dada em publico.

Minha filha, amanhãa será vossa consorte! Tenho respondido, amanhãa ás 4 horas sereis seu senhor!

— Que dizeis, meu pae! Oh! meu pae? A existencia me deste para me fazerdes desditosa? Podeis dispôr de meu coração que vos não pertence? Não! Sobre elle jus não tendes, e eu appelarei para o senhor.

E vós, senhor, sahi, deixae esta casa que era morada da paz e que vós violasteis! Odio e rancor é o que podeis me inspirar! Vossa, nunca... e nunca!..

E sahiu! Era noite! Após longa conferencia, Gaspar despediu-se do Snr. Sampaio, assegurando-lhe que, no outro dia sua filha seria sua consorte.

Uma mãe.

Que doce que é ser mãe !..
.....
Nos braços lindos embalando o filho,
Seu unico desvelo,
Que largou de cançado o niveo seio,
E foi suavemente adormecido
No amplexo maternal.

GARRET.

Uma mãe... Oh! dirá o Pyrrhonico, que duvida de si, de Deos e da natureza, é uma palavra abstracta, que não existe senão na vossa mente, que nada significa... Uma mãe, dirá o sacrilego, o misanthropo, aquelle para quem todo sentimento por mais natural que seja, não acha écho em seu brutal, e enregelado coração, é uma mulher, que tem parido, que tem filhos, e mais nada... Uma mãe dirá o amador da natureza, o seu prescrutador, o crente de Deos, é um ser indefinivel, o amor personalisado; um anjo, quasi um Deos...

De facto, o que ha ahi neste mundo, que se possa comparar com uma mãe... Nada... Uma mãe, é um anjo, é o primeiro Deos que o homem adora, e para quem dirige os tenros braços e os primeiros sorrisos...

A physiologia querendo localisar nossas paixões em um orgão, onde ellas residam, tem dito ora que este orgão é o coração, ora o cerebro, e ora um e outro; admittimos que assim seja, para todos os nossos sentimentos, menos para o amor maternal, é como a nossa alma e a nossa vida, e a alma e a vida de uma mãe não tem sede, existe por todo o corpo. Quereréis disto algumas provas? Abri os livros da historia destes povos selvagens, onde pareceria dever prevalecer o instincto da conservação ao da perda da vida, onde a brutalidade sobe de ponto, e lereis que Indias julgando accender a já quasi extincta vida de seus filhos, abriram suas veias e suas entranhas, pensando assim mandar-lhes com o sangue a vida e a alma, e a vida e a alma da mulher o que é senão o amor, e a vida e a alma tem por ventura sede? Eis-aqui um sacrificio que por seu filho ahi fará qualquer mãe, sacrificio que exuberantemente exprime o que é uma mãe. Quereréis ainda mais provas terriveis e generosas? Exponde ás vistas de sua mãe, um filho ás garras de um animal sedento de sangue e terrivel, ou arremessai-o em medonho cahos, e a vereis desvairada, em corpo e alma, lançar-se sobre o faminto animal ou precipitar-se no abysmo, certa de morrer, mas para dar-lhe a ultima prova de seu amor, para cobrir com o seu, o corpo de seu filho já sem vida. E o homem Pyrrhonico, e o homem de coração enregelado tudo isto nega, tudo isto desconhece...

E o homem ainda ousa martirisar a quem o abrigou em seu seio e lhe mandou a vida e o amor com seu sangue?.. e o homem ainda se atreve a amaldiçoar e ridicularisar a mulher, este ente que lhe suavisa a vida, que o ama a não poder mais, este ente sem o qual os homens retrogradariam para o que dantes eram, este ente, que passando pelas mais amargas dôres, dôres para logo esquecidas, dôres á que vêm substituir as mais doces effusões do amor, lhe apresenta como penhor deste amor um ente, um filho feito quasi in-

---

Era noite! Com a noite vêm os pensamentos, e nas horas em que tudo era silencioso, Adelaide meditava! Sua alma em extasis se expressa, e maviosa se corresponde com Cesilio, que ausente vive! A lua batendo nas vidraças de seu quarto sobre ella espargia seus raios, e suas expressões eram mais refulgentes neste momento!

— Cesilio, meu Cesilio adorado! Quão tortuosa ha sido tua ausencia! Mais resignada meus males tragaria, se tua presença me animasse! Dous ent[illegible]emo ditosos, por que se compre[illegible]ndem, sup[illegible]am os trances mais doridos de seu fado! Amor nos dá resignação, amor nos ensina a soffrer! Muitas vezes no meio dos tormentos me tenho sorrido, e este melancolico sorrir por ti arrancado é symbolo da resignação! E quão feliz não sou, quando me deleito pensando em ti!

(*) O pensamento dá sons á musica, empresta cantos as aves que na floresta trinando divertem-se! O pensamento me encanta quando divaga pela terra onde habitas sem talvez me consagrares um momento de attenção! E que importa os martyrios que hei libado, se minha alma ainda é vossa! Se meu amor augmenta diariamente, quando em ti pensando do meio dos montes vejo surgir aurora vermejante á meus males testemunhando!

— E sua cabeça reclinada adormeceu, sonhando com seu Cesilio!

Vós que me comprehendeis, eis o quadro mais feiticeiro e seductor que nossa imaginação conceber póde!

Uma virgem envolta em branco roupão, prêsa da dôr estendida no leito, com as pretas madeixas que em borbotões lhe cahiam pelos hombros! Uma virgem dormindo! Sonhando com seu amante! Qual de vós não darieis vossas existencia por contemplal-a? Qual de vós submissos não irieis beijar seus pés, occultos em uma meia de neve? Qual de vós, violando o sanctuario da innocencia não irieis libar um beijo em seus labios, que entre-abertos magicos diziam em voz imperceptivel— Cesilio. Qual de vós não voarieis a uma mansão de gozos indisiveis se por acaso vossa mão tocando no seio onde um casto pejo resplandecia, sentisse as puras palpitações em que innocente elle pulsa?

E contemplando-se a virgem dormindo, o siso perdemos, a penna nos falta!

(*) Noites de Young.

(Continúa)

teiramente a custa da mulher... Ah! por de mais é o homem ingrato: porque maltratando a mulher, elle sem duvida se esquece de que maltrata sua mãe. *J. C. da C.*

Elogio ao annos da Exm. Snra. D. **

Quem não vio da virtude o rosto, em Carlina
Veja a imagem gentil, o brilho veja.
(LAMARTINE.)

D'enlevos repleta minh'alma encantada
Em lyra meliflua anhela tocar,
De jubilo cheio meos cantos sem ordem
A ti, ó Carlina, eu venho offertar!

Fulguras, Elèa no meio das virgens
Qual niveo jasmim no meio das flores,
E teo trovador, cercado d'enleios,
Só póde tecer-te sinceros louvores!

Oh vinte de Abril, és tão primoroso,
Que meos toscos versos não podem cantar-te;
E's vinte de Abril de um anjo formoso,
Feliz natalicio só posso adorar-te.
Attende. Carlina,
Escuta o meo canto.
Vinte d'Abril aurifulgente dia,
Em qu'as auras da vida respiraste,
Em tão magica aurora em qu'as graças
Circundando-te lédas te festejam,
Neste dia feliz em que do Olympo,
Seraphins baixando té saúdam,
Virtude com beldade harmonisando,
Gentil Carlina, teu insonoro Vate,
A lyra tange e jubiloso entôa,
Aos bellos annos teus festivos cantos!
Qual Aricina tão casta e jovial,
Qual Diopéa tão meiga, e tão sublime,
D'encantos, qual Pallas sempre armada,
De virtudes tão cheia, qual Penelope;
Tão pura qual a rola innocentinha,
Qu'implume 'inda o espaço não fendeu,
Tão cheia de pudor nas faces magas,
Qual de Abril a rosa não succada,
Quando Phebo luminoso despontando,
As plagas beija auri-fulgindo as serras,
Tu, Carlina, tão mimosa,
De tantos dons adornada,
Filtras da vida a doçura
Innocente bem fadada.
Carlina, do céo, um teo sorriso,
Dos mortaes os anhelos aniquilla,
Que mortaes a teos encantos não resistem!
Carlina, Cherubim, enlevo d'alma,
O ferro gladio do guerreiro forte,
Ante tua beldade s'embainha,
Que guerreiros em te vendo são captivos!
O pirata que orgulhoso fende as vagas
Sua nave dar-te-hia jubiloso,
Se um só mimo de teos labios apanhasse!
Qu' a ventura, qu' o prazer, qu' os gozos todos,
Qu' as virgens circundando as tornam ledas,
Em um só corpo enlaçados te deleitem!
Que ditosos annos de delicias fruas
Aos céos, Carlina, implora o rude vate,
Que teu natal festeja,
Nos toscos versos seus que ousou tecer-te,
Dedilhando-os em lyra não canora.

Motte dado por uma Snra. Bahiana ao Snr. Moniz Barreto.

Os votos, que os homens fazem,
São mais ligeiros que o vento.

GLOZA IMPROVISADA.

Com elles na campa jazem,
Respirando inda verdade,
Duram té a eternidade,
Os votos que os homens fazem!
Mas as mulheres que os trazem
Só no leve pensamento,
Os esquecem n'um momento;
Os seus protestos de amar,
São mais incertos que o mar,
São mais ligeiros que o vento!

Resposta ao Snr. Muniz Barreto, pela mesma Snra.

As bellas na idéa trazem,
De Dido os extremos fidos,
E quando são fementidos
Os votos que os homens fazem!
Mas hoje por terra jazem,
Esses muros onde assento,
Teve este amor fraudulento
Este amor todo traição:
Os homens, sem excepção,
São mais ligeiros que o vento.

A decifração das charadas do numero antecedente é: *Marfim.*

ERRATAS.

No n. 4 — leia-se — sugado em lugar de sunegado, no 1.º artigo. No 2.º quarteto do soneto, em vez de — É cadeia que traz a vida preza — leia-se — Tardio desengano d'alta empreza.

No n. 5 no Album da Noite — leia-se — Attende-me — em lugar de — Attendei-me. Na novella — leia-se — em parte concorreste para — em lugar de — em parte concorrente para.

ATTENÇÃO.

Espero dos Snrs. assignantes que ainda não satisfizeram suas assignaturas, o obsequio de o fazerem até quinta feira, pois os mesmos Snrs. não ignoram as difficuldades com que luta o

Redactor.

Empreza Typ.— DOUS DE DEZEMBRO— de Paula Brito
Impressor da Casa Imperial.